



Património Mundial Lusófono – II – A Ásia (1)

Ásia - Cidades, territórios e sítios de origem, influência ou matriz portuguesa, classificados pela UNESCO como Património Mundial

Na China – Monumentos históricos de Macau – 2005;

Na Índia – Igrejas e Conventos de Goa – 1986;

No Sri Lanka – Cidade velha de Galle e fortificações – 1988;

Na Tailândia – Cidade histórica de Ayuthaia – 1991.

Lista de cidades, sítios e edifícios do património construído lusófono na Ásia (séculos XV - XVIII)

Ormuz e área envolvente / Irão: Fortalezas e ruínas;

Diu / Índia: Fortaleza da ilha, igrejas e conjunto urbano. Igreja de São Paulo e de São Francisco. Arco da Alfândega;

Damão / Índia: Praça-forte, estrutura urbana, largo da igreja da Mãe de Deus e Igreja Jesuíta (actual matriz). Forte de São Jerónimo em Damão Pequeno;

Baçaim / Índia: Ruínas das muralhas e portas, igrejas e traçado urbano. Cidadela, Igreja de São Francisco e matriz de São José, igreja Jesuíta;

Velha Goa / Índia (PM UNESCO): Ruínas da cidade, conjunto das igrejas: Sé Catedral, Bom Jesus, Graça e São Caetano;

Ilha de Goa, Salcete e Bardez / Índia: Igreja de Santana de Talaulim, Largo da igreja Jesuíta e “casa do Juiz” em Margão. Fortalezas de Aguada e Reis Magos;

Galle / Sri Lanka (PM UNESCO): Conjunto fortificado e urbano;

Ayuthaia / Tailândia (PM UNESCO): Sítio arqueológico e ruínas de igrejas;

Malaca / Malásia: Ruínas da fortaleza, portas e igreja;

Macau / China (PM UNESCO): Conjunto da cidade portuguesa, com traçado urbano, largos, igrejas, fortalezas e habitações. Largo do Leal Senado e Ruínas da Igreja de São Paulo. Colégio Jesuíta e São Lourenço;

Nagasaki / Japão: Sítio, paisagem e vestígios cristãos. Ilha costeira de Deshima;

Património Lusófono na Ásia

Quando Vasco da Gama chega à Índia, em 1498, leva consigo a imposição da missão determinada pela Coroa, garantir o comércio das especiarias, através do domínio das rotas comerciais e do controlo do mar. É um objetivo e uma fórmula que se mantém até finais do século XVII e princípios do século XVIII, quando as pressões militares de holandeses e ingleses, primeiro, as necessidades da guerra com Espanha, depois, e por fim, as prioridades do Reino já viradas para o Brasil forçam a mudança. Mesmo assim o Estado da Índia, como veio a ser designado a partir de 1505, permaneceu enquanto entidade administrativa durante 450 anos. Até ao século XVIII manteve a jurisdição sobre Moçambique e até ao século XIX sobre Timor e Macau.

E o que fica da “Índia portuguesa”, o património edificado deixado pelos portugueses, é bem o testemunho vivo do conceito de domínio das rotas comerciais mercê do controlo do mar. A ocupação de território é escassa e praticamente limitada à conservação de pontos estratégicos que permitam a vigilância do tráfego marítimo, o domínio de locais de passagem obrigatória de mercadorias e de portos que sirvam de apoio à esquadra e ao escoamento dos produtos.

Daí as muitas fortalezas que pululam no litoral, da Índia até ao Mar Vermelho, adaptadas ou construídas pelos portugueses. E conjugada com as necessidades militares a “conquista das almas”, uma presença forte da igreja, com várias edificações que ainda hoje são um marco, um vetor inicial de suporte das intenções da coroa, se bem que acabe por ganhar uma vida própria com a Companhia de Jesus e a Ordem dos Franciscanos.

O dualismo fortalezas e esquadras para garantir as rotas comerciais já tinha sido testado com êxito no Golfo da Guiné, mas na Índia os portugueses vão enfrentar estados organizados, que já ocupavam os seus espaços no comércio

das especiarias e da seda. Os potentados locais, muitos deles muçulmanos, têm como principais aliados os turcos otomanos, o reino persa e os mamelucos que dominavam o Egipto. E num plano mais secundário o império mogol, com interferências no xadrez dos reinos locais, e a República de Veneza, a quem não interessava que os portugueses ganhassem o domínio das especiarias.

Os mamelucos assumem, no entanto, um papel particular, porque estão na base da construção de fortalezas no que são hoje as costas do Iémen, da Arábia Saudita e dos reinos do Golfo Pérsico. D. Manuel tinha objetivos comerciais mas, como todos os homens seus contemporâneos, tinha a religião como a grande referência. Os lugares santos, em particular Jerusalém, não tinham deixado de ser uma meta enquanto espaços a recuperar para a cristandade.

Daí que o domínio do comércio tivesse também como objetivo a asfixia económica dos mamelucos e, com a ajuda de “Prestes João”, abrir caminho à conquista do Cairo e à recuperação dos lugares santos, uma ideia que paulatinamente foi sendo abandonada, substituída pelo realismo comercial e por recursos humanos cada vez mais limitados.

A primeira fortaleza e a primeira igreja

Embora os portugueses tenham chegado à Índia em 1498, a primeira construção surge apenas em 1503, em Cochim, mercê do aproveitamento das rivalidades entre reinos locais, uma constante da expansão portuguesa. Cochim estava cercada por um exército do reino de Calecute mas a chegada de uma esquadra portuguesa afugentou-o, o que fez o rei de Cochim aceitar a proposta portuguesa para a construção de um forte, transformando a cidade no primeiro centro nevrálgico da Índia, até esse lugar ser ocupado por Goa. Inicialmente o forte foi construído em madeira, mas dois anos depois D. Francisco de Almeida reconstruiu-o em pedra, designando-o por forte Manuel, em honra ao rei, e foi mantido sob bandeira portuguesa até à ocupação holandesa em 1663. Mas Cochim tem também importância porque ali nasceu a primeira igreja

europeia na Índia, também em 1503, e foi onde Vasco da Gama morreu, em 1524. Começou por ser em madeira e dedicada a S. Bartolomeu, foi reconstruída em pedra em 1516 e então dedicada a Santo António, tendo recebido o corpo de Vasco da Gama antes de ser trasladado para Lisboa. Com a ocupação holandesa, em 1663, passou a igreja anglicana, como Igreja de S. Francisco, nome que mantém enquanto monumento da Índia.

Muitas das construções não se mantiveram tanto tempo na posse dos portugueses, fosse pela conquista por parte de forças adversárias, fosse por terem sido simplesmente abandonadas, por fracas condições de salubridade ou, por ter desaparecido a sua importância estratégica.



1 - A fortaleza de Ormuz está praticamente abandonada, mas foi fruto de grande disputa entre portugueses mamelucos, turcos e persas, que a tomaram com o apoio de ingleses



2 - A Igreja de S. Paulo e Colégio do Espírito Santo, em Diu, um importante testemunho do papel da Igreja na Índia

6

É o caso da fortaleza de Socotorá, uma ilha somali, a dominar o Golfo de Adem e a entrada do Mar Vermelho. A ilha foi conquistada por Afonso de Albuquerque em 1507 e ali foi construído um forte, o Forte de S. Miguel, que serviria como ponto de apoio às ações navais na região. Foi abandonado quatro anos depois, uma vez que o porto não oferecia condições de segurança, tendo conduzido a alguns naufrágios, como o do galeão "Santo António".

A chegada dos persas

Situação distinta ocorreu no Golfo Pérsico, um importante espaço de tráfego comercial, que era controlado pelos turcos e visto também como uma plataforma para intervenção no Mar Vermelho. O primeiro passo foi dado por Albuquerque, ao conquistar a cidade de Ormuz em 1507, onde iniciou a construção do forte Nossa Senhora da Vitória, para controlo do Estreito. Mas teve que parar a construção por revolta dos seus capitães e foi obrigado a abandonar Ormuz. Voltou no entanto, em 1515, reconquistando a cidade e concluindo o forte.

Os turcos, assim como os mamelucos, não abdicaram da presença no Golfo, transformando-o numa das principais zonas de conflito envolvendo os portugueses, uma disputa de interesses a que se vieram juntar também os persas. Esta disputa teve reflexos na conquista ou construção de seis fortalezas, em particular Mascate, Matara, Corfacão, Comorão e Queixome, já durante o período da dinastia filipina. Estas duas últimas fortalezas eram particularmente importantes porque garantiam a segurança dos poços que abasteciam de água a cidade de Ormuz.

Se o domínio dos portugueses conseguiu impor-se aos turcos, já o mesmo não aconteceu com o reino persa, que se encontrava numa fase de expansão através de Abbas I, considerado um dos maiores xás da Pérsia. Conhecido por ter modernizado a administração do Reino e reorganizado o exército, Abbas impôs um conjunto de derrotas aos turcos-otomanos e virou também as atenções para o Golfo Pérsico, em particular para Ormuz. A primeira ação foi em 1614, conquistando Comorão, com o objetivo de cortar o abastecimento de água a Ormuz. Os portugueses reagiram em 1621 ocupando Queixome, que também dispunha de poços, e construindo um forte em pouco mais de cinco meses. No início do ano seguinte, no entanto, os persas, apoiados por forças inglesas da Companhia das Índias Orientais, que participaram em troca de vantagens no comércio da seda, acabaram por ocupar Queixome e semanas depois Ormuz.

A força de Diu



3 - A fortaleza de Diu era uma poderosa estrutura de defesa. Na foto, o Baluarte do Mar, que estava integrado na infra-estrutura de defesa e controlava a entrada dos navios no porto

aproveitando e modificando também a antiga edificação guzarate. A fortificação foi muito bem concebida, conseguindo suportar vários cercos, sendo atualmente um dos mais importantes monumentos militares da União Indiana. Os portugueses construíram em Diu também vários espaços religiosos, um deles erigido pela Ordem dos Franciscanos, em finais do século XVI, que funcionou como convento e igreja, atualmente conhecida como de S. Francisco de Assis, assim como a igreja de S. Paulo ou Nossa Senhora da Conceição e o colégio do Espírito Santo, construídos em 1606 pela Companhia de Jesus.

Em Diu, a população seguia na quase totalidade a religião muçulmana, o que não trouxe grande sucesso no campo das conversões ao catolicismo. No entanto, por razões de interesse político e comercial, nunca houve um esforço de conversão tão intenso como por exemplo se verificou em Goa.

A expansão jesuíta

O ambiente religioso daquela que veio a ser a capital da Índia portuguesa era dominada pelo hinduísmo, mais fácil de contornar pelos missionários, mas onde se verificou também maior pressão por parte da igreja, no sentido das conversões, ao contrário do que ocorreu em Diu. No entanto, à chegada dos portugueses em 1510, o poder local estava dominado pelos árabes, com o apoio dos turcos-otomanos. Devido ao facto de ser o melhor porto da região e facilmente defensável por terra e por mar, Goa tornou-se o ponto de partida de várias expedições, como a Ormuz e Malaca, no estreito com o mesmo nome, que abriu caminho aos contactos com o Japão. Goa tornou-se, por isso, a capital da Índia portuguesa, em 1530, lugar que até então fora ocupado por Cochim.

A cidade passou assim a concentrar o poder administrativo com o poder real além da própria expansão religiosa. Foi em Goa que os jesuítas criaram o seu centro de influência e de expansão cristã para a Ásia, sendo de

destacar os missionários S. João de Brito e S. Francisco Xavier, co-fundador da Ordem. Foi ali, por exemplo, que nasceu o Colégio de S. Paulo em 1542 – hoje apenas reduzido à fachada - pela mão de S. Francisco Xavier, destinado a ser um espaço de formação para missionários jesuítas, local que albergou também a primeira impressora na Índia.

É em Goa também que é construída a maior das igrejas portuguesas em todo o mundo, a igreja e Sé de Santa Catarina, que começou a ser edificada em 1562, foi concluída em 1619, e que foi vista, à época, como um testemunho do poderio português. Santa Catarina está atualmente integrada no conjunto monumental de Goa classificado como Património da Humanidade, onde surge também a Basílica do Bom Jesus, mandada erigir pela Companhia de Jesus.

E uma vez que uma das expressões do poder é a força militar ou a capacidade de defender esse mesmo poder, Goa foi dotada de um importante conjunto de fortificações. Uma delas a dos Reis Magos foi transformada em 1900 em prisão. E ao sistema prisional surge também associada a Fortaleza da Aguada, que deve o seu nome ao facto de dispor de três fontes de água, usadas pelos navios para se reabastecerem. A sua construção determinada por Filipe II (Filipe III de Espanha) foi ditada pelas incursões holandesas no início do século XVII. No século XX, no Estado Novo, passou a ser uma prisão política e tinha também um farol, que se manteve a funcionar já sob domínio da União Indiana até 1976. Atualmente, parte das estruturas edificadas albergam um *resort* de cinco estrelas, o “Fort Aguada Beach Resort”.

“Marem Clausum” “Mare Liberum”

Mas a presença na Índia deixou também um testemunho no campo do Direito quanto ao uso do mar, o dualismo “Marem Clausum” “Mare Liberum”. Começou em 1603, quando navios da Companhia Holandesa das Índias Orientais apresaram a nau portuguesa “Santa Catarina”, ao largo de Singapura. Esta decisão levantou fortes protestos diplomáticos portugueses, que dominavam o mar sob o conceito “mare clausum”, que fora legitimado pelo Papa. Os holandeses recorreram a Hugo Grossius, um dos fundadores do Direito Internacional, que argumentou com a teoria do “mare liberum”, que defendia a liberdade de navegação, perseguindo a necessidade de expansão. O conceito ameaçava a posição portuguesa, que

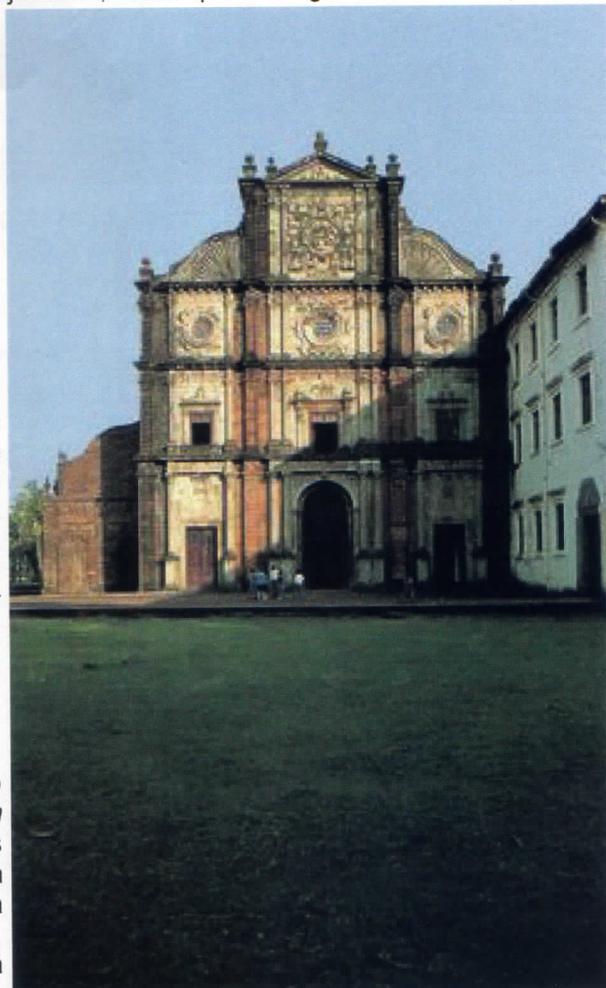
pretendia manter o monopólio no Índico, bem como a dos ingleses, que, em fase também de expansão marítima, temiam igualmente o excesso de liberdade dos holandeses, o que

5 - Cochim foi a cidade onde os portugueses construíram a primeira igreja e o primeiro forte na Índia



poderia pôr em causa a segurança de Inglaterra. O conflito jurídico só foi solucionado no início do século XVIII, com o nascimento do conceito das águas territoriais, inicialmente de três milhas e doze na atualidade.

Texto de Carlos Varela e fotos de Heritage of Portuguese Influence / Património de Influência Portuguesa: www.hpip.org

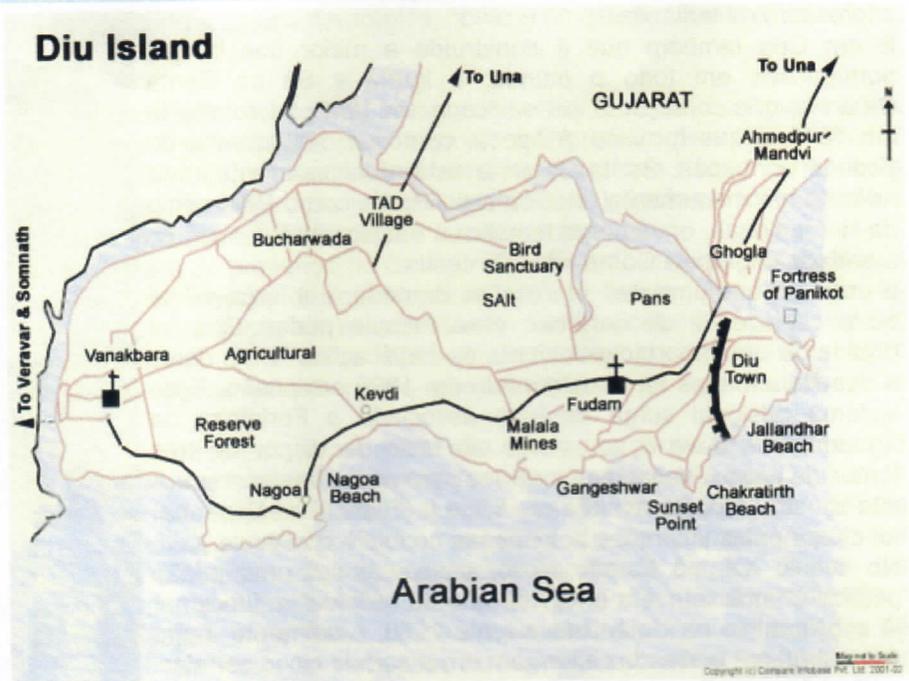


4 - A Companhia de Jesus era muito ativa na Índia e deixou um importante património, como a Igreja do Bom Jesus, em Goa

Eu estive lá... na Ásia (Diu)

Eu estive lá... pela Ásia !

Índia. Região de Damão e Diu. Distrito de Diu. Mês de Março. Eu e a minha amiga Orlanda resolvemos dar um passeio a pé, fora da comitiva. São quentes as cores da cidade, em sintonia com a temperatura atmosférica e com a simpatia das pessoas que connosco se cruzam. É em inglês que nos entendemos, quando pedimos indicações para chegar ao mercado de rua. Ao longo do nosso percurso descobrimos evidências da presença portuguesa, quer na toponímia, quer na traça das varandas e janelas... evidências que contudo parecem querer esconder-se atrás das cores, na interacção discreta e respeitosa de uns com os outros, nas vestes coloridas das mulheres, na língua que soa tão estranha (gujarati), nos cheiros intensos a especiarias que emanam das casas – enfim, por muito que procuremos os nossos vestígios, tudo nos remete para longe deles, das nossas origens...



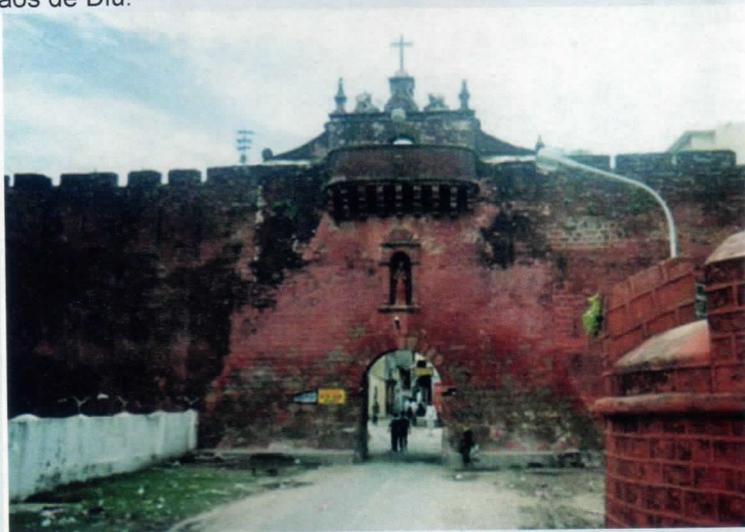
Entramos num café de esquina para descansar e tomar uma água. A meio da conversa somos interrompidas por uma voz masculina, vinda de uma mesa próxima, “São portuguesas de Portugal?”. Alguém estava a falar a nossa língua! Olhámos, incrédulas, na direcção daquela voz: um grupo de três homens idosos inclinava-se para nós, com sorrisos abertos. Por ali que ficámos durante quase uma hora, conversando com aqueles anciãos que nos pediam tantas informações sobre o nosso país. Nascidos nos finais dos anos 30, tinham aprendido a língua portuguesa na escola (Diu foi possessão portuguesa entre 1535 e 1961). O facto de terem familiares em Portugal mantinha o ténue contacto com a língua. O que mais queriam: que a biblioteca local tivesse um núcleo de autores portugueses, ou de traduções para português de autores de outras origens. Referem-nos que muitos habitantes da cidade os acompanham nesse anseio, e alguns gostariam mesmo que os seus filhos ou netos aprendessem o português, mas não havia como concretizar esse desejo.

Trocados os endereços, ficou a promessa (depois cumprida!) de lhes enviarmos alguns contactos para que pudessem, através de alguma organização local, organizar uma pequena biblioteca, mesmo que com documentos em segunda mão.

Continuámos o passeio, sensibilizadas por aquele encontro, sem nos lembrarmos mais de procurar, nos elementos edificados da cidade, a presença dos nossos antepassados. Acabáramos de ter acesso, sem o procurar, ao mais genuíno testemunho cultural que poderíamos encontrar: a língua portuguesa - falada, respeitada e acarinhada ainda por alguns cidadãos de Diu.



Igreja de S. Paulo, onde é venerada uma imagem de N.ª Sra. de Fátima



Fortaleza de S. Tomé, construída em 1535 durante o governo de Nuno da Cunha, no extremo oriental da ilha (foto Wikiinédia).



Imagem: Página oficial da Administração de DIU

Em simultâneo, sentimos uma certa amargura pela constatação da ausência de uma acção cultural, por iniciativa das instituições portuguesas vocacionadas para o efeito, tendente a preservar este património cultural imaterial que sobrevive, ainda, neste longínquo, ameno e discreto lugar do mundo.

Texto e Foto de Ana Paula Costa Lopes

Eu estive lá... na Ásia (Galle – Sri Lanka)

É muita convicção de que muitos se questionarão: Galle? Onde é que isso fica?

Devo confessar que antes de ter sido desafiada a ir ao Sri Lanka também pouco ou nada sabia da existência e, para nós, importância de tal sítio, embora o Ceilão, a apelidada lagrima da Índia e a mítica Taprobana nos fossem literariamente familiares. Confesso que história não o meu forte...



Em 1640 chegam os holandeses que ocupam a cidade e destroem, na quase totalidade, os vestígios da presença portuguesa. A área do Forte, com cerca de 36 hectares, ocupando grande parte de um promontório, começa, em 1663, a ser construída pelos ocupantes, tendo-se Galle tornado o porto mais importante do Ceilão, prerrogativa que manteve durante 2 séculos, sendo um ponto de paragem primordial para os barcos que transitavam entre a Europa e a Ásia. Esta importância desaparece quando os britânicos ocupam Galle, em 1796, e transferem o comércio para Colombo conferindo, assim, ao porto de Galle estatuto secundário. O tsunami de 2004 afetou de forma significativa a parte nova da cidade; contudo, as velhas e sólidas muralhas do Forte resistiram ao seu impacto tendo ajudado a minimizar os devastadores efeitos no seu interior – a cidade velha.

As viagens turísticas têm este defeito – está tudo programado ao milímetro não havendo tempo ou espaço para se procurar e ver o que não contemplam – foi o caso do Forte. Inquirido o guia sobre os vestígios da nossa presença ali, nomeadamente restos da muralha, aquele, com ar de quem pouco ou nada ouvira sobre o assunto, apontou à distância o pequeno troço que resistiu à destruição dos holandeses.



A estrutura do Forte, no que concerne às muralhas, contém vários pontos-chave, como os vários bastiões, o Antigo Portão (Old Gate) encimado na face interna pelas letras VOC – Verenigde Oostindische Compagnie (Companhia holandesa das Índias orientais), inscritas na pedra em 1669, ladeadas por 2 leões e coroadas por um galo. Este vestígio fascinou-nos! (pena ser holandês...)

Para nós, nesses pontos-chave, há dois locais de especial interesse: a Flag Rock na parte mais meridional do Forte, e o Bastião Negro, numa ponta do troço onde se situa o Antigo Portão. O primeiro foi um bastião português

A actual designação do país - Sri Lanka – remonta a 1972, data em que foi recuperada a antiga designação sânscrita do território “Ilha resplandecente”.

Galle é uma cidadezinha a sudoeste do Sri Lanka, distando cerca de 110km da capital do país – Colombo, com desenvolvimento turístico interessante, gerado, sobretudo, dentro de portas do Forte, que graças à cuidada recuperação dos muitos edifícios coloniais holandeses ali existentes, valeu ao local a classificação pela UNESCO de Património Mundial da Humanidade, o que demonstra a importância deste local como testemunho histórico, arqueológico e arquitetónico. É a quinta maior cidade do Sri Lanka.

Esta cidade começou a ganhar relevo a partir da chegada dos europeus – em 1505 uma frota portuguesa que se dirigia para as Maldivas foi desviada da rota devido a tempestade e abrigou-se nesse porto. Diz-se que ao chegar os navegantes ouviram um galo cantar tendo baptizado o local de Galle...uma de várias histórias atribuídas à origem do nome. Esta “descoberta” foi muito importante para a rota das especiarias – quer os portugueses quer os holandeses disputavam, então, o comércio daquelas, sobretudo, da canela e da pimenta.

Em 1589, durante uma das frequentes e periódicas disputas com o reino de Kandy, os portugueses construíram um pequeno Forte a que chamaram Santa Cruz, tendo-o, posteriormente, consolidado com bastiões e muralhas.

– hoje é o melhor local para disfrutar do pôr do sol (imaginem a beleza do espectáculo sobre o oceano !) - aqui estivemos e, com curiosidade, observámos não só os materiais de construção das muralhas que integram corais e conchas, mas também a zona pejada de rochedos e bem escolhida para avisar os barcos desses perigos. Mas aqui não há vestígios da nossa presença; estes ainda se encontram no Zwart Bastion, actual Bastião Negro, que é o mais velho dos bastiões do Forte, com pedaços datando de 1580. Esta parte da muralha construída pelos portugueses é facilmente reconhecida pelas características que apresenta. Efetivamente a construção dos portugueses era bem mais estreita sendo que os holandeses necessitaram de maior largura de muralha para assentar os canhões.



Apesar de se ter caminhado um pouco sobre as muralhas, que permitem um passeio a toda a sua extensão, não tivemos o privilégio de sentir ao vivo a nossa presença de há 500 anos!

Prometemos voltar ao tema, num próximo número da Arméria, onde continuaremos o nosso percurso pelo património lusófono no mundo!



Também de referir o Portão Principal, construído pelos britânicos em 1873, para escoar o trânsito para o interior do Forte, e que se encontra na zona da muralha mais intensamente fortificada pois confina com terra; esta muralha também foi originalmente construída pelos portugueses com um fosso, tendo sido substancialmente alargada pelos holandeses que lhe conferiram o atual aspeto.

Galle constitui o melhor exemplo de cidade fortificada no sul e sudoeste asiático, mostrando a fusão entre estilos arquitectónicos europeus (português, holandês) e as tradições nativas – é a maior fortaleza herdada da Ásia, construída pelos ocupantes europeus.

Viajar pela Ásia é fascinante e para os amantes do quente...um paraíso !!!! só perturbado pelo alto grau de humidade, mas...não há bela sem senão !

Outubro de 2015.

Texto e Foto de Esmeralda Miguel

Bibliografia – enciclopédia luso-brasileira; edição da Lonely Planet Sri Lanka; Wikipedia